



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO
CAMPUS SENHOR DO BONFIM**

**ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO SEMIÁRIDO
COM ÊNFASE EM RECURSOS HÍDRICOS**

VANESSA IONARA DOS SANTOS RODRIGUES

**PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS E AGRICULTURA FAMILIAR NO
SEMIÁRIDO: CONTRIBUIÇÕES DO SERVIÇO DE ATER**

**SENHOR DO BONFIM, BA
2017**

VANESSA IONARA DOS SANTOS RODRIGUES

**PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS E AGRICULTURA FAMILIAR NO
SEMIÁRIDO: CONTRIBUIÇÕES DO SERVIÇO DE ATER**

Artigo apresentado ao Colegiado do Curso de Especialização em Desenvolvimento Sustentável com Ênfase em Recursos Hídricos, do IF Baiano, *campus* Senhor do Bonfim, como um dos requisitos para a conclusão do referido curso.

Orientadora: Prof^a *Msc.* Lilian Pereira da Silva Teixeira.

SENHOR DO BONFIM, BA
2017

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS E AGRICULTURA FAMILIAR NO SEMIÁRIDO: CONTRIBUIÇÕES DO SERVIÇO DE ATER

Vanessa Ionara dos Santos Rodrigues¹

Resumo

O presente trabalho apresenta como temática central uma análise sobre a perspectiva agroecológica presente na atuação da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) no cenário de Convivência com o Semiárido baiano, especificamente na cidade de Quixabeira – Bahia. Como objetivos principais propõe-se identificar se há uma transição das práticas de produção convencionais para práticas agroecológicas nas atividades de agricultura familiar entre os beneficiários da comunidade de Jaboticaba, e conseqüentemente analisar as contribuições do serviço de ATER para tal transição. A análise tem caráter qualitativo, tendo como abordagem metodológica e como perspectiva de análise a Entrevista Compreensiva, a partir dos estudos de Kaufmann (2013) e Silva (2006). Concluímos que o serviço de ATER não está isento de fragilidades, não obstante, se configura como importante ferramenta de manutenção de diversos âmbitos da realidade social (político, econômico, educacional, ambiental e cultural).

Palavras-Chave: Semiárido Brasileiro (SAB); Assistência Técnica de Extensão Rural (ATER); Agroecologia.

¹ Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); especialista em Pedagogia Social pela Universidade Cândido Mendes (UCAM) e Pós-graduanda em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano). Integra o Grupo de Pesquisa ECCOS - Corpo, Socialização e Expressões Culturais/UFRB. E-mail: vanessaionara@hotmail.com.

AGROECOLOGICAL PRACTICES AND FAMILY FARMING IN THE SEMIARID: CONTRIBUTIONS OF THE ATER SERVICE

Abstract: The present work presents as central theme an analysis on the agroecological perspective present in the Technical Assistance and Rural Extension (ATER) in the scenario of Living with the Semi - arid baiano, specifically in the city of Quixabeira - Bahia, centered on contextualized field education. As main objectives, it is proposed to identify if there is a transition from conventional production practices to agroecological practices in family farming activities among the beneficiaries of the Jaboticaba community, and consequently to analyze the contributions of the ATER service to such transition. The analysis has a qualitative character, taking as a methodological approach and as an analysis perspective the Comprehensive Interview, from the studies of Kaufmann (2013) and Silva (2006). We conclude that the ATER service is not free of fragility; nevertheless, it constitutes an important tool for the maintenance of several spheres of social reality (political, economic, educational, environmental and cultural).

Key-words: Brazilian Semi-Arid (SAB); Rural Extension Technical Assistance (ATER); Agroecology.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem no cerne do seu objeto uma análise voltada às atividades de Assistência Técnica de Extensão Rural (ATER) à pequenos agricultores que estão situados num importante espaço geográfico brasileiro, o Semiárido. Observa-se que há uma relevância no debate sobre a temática da Convivência com o Semiárido, visto que nessa região vivencia-se um processo de implementação de tecnologias alternativas que suprem as necessidades dos produtores de acordo com o clima seco da região em consórcio com políticas públicas e assistência técnica.

Através da perspectiva de Convivência com o Semiárido, busca-se o aumento da produtividade de forma sustentável, através de planejamento, adoção de práticas de armazenamento e forragem e do cultivo de culturas apropriadas para as condições hídricas e ambientais locais - não apenas pensando nas estratégias de aproveitamento hídrico e questões ligadas ao solo/clima, como também atentando para aspectos sociais e políticos, tal como, por exemplo, o acesso a políticas públicas e aspectos culturais e identitários, com os quais a prática educacional deve estar intimamente relacionada, e que tem sido objeto de pauta e reflexão em diversos trabalhos acadêmicos.

Diante das necessidades e especificidades existentes na região semiárida do Brasil, assim como do grande número de famílias que sobrevivem através da agricultura de subsistência, porém sem a devida formação e acompanhamento profissional, foi criada através da Lei nº 12.188, datada de 2010, a chamada lei de ATER. O setor de ATER, concentrado na agricultura familiar, tem crescido consideravelmente no Nordeste nos últimos anos, a partir de investimentos em projetos, programas, políticas públicas e editais de cunho federal e estadual, de modo a colaborar, para além do fortalecimento da geração de renda, mas também desenvolvendo processos formativos que envolvem questões como a segurança alimentar e nutricional da população e ainda a expansão de práticas preocupadas com a sustentabilidade.

De acordo com a Chamada Pública do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), a ATER deve estar voltada para a *Promoção da Agricultura Familiar Agroecológica, Orgânica e Agroextrativista no semiárido*, a partir do acompanhamento das famílias agricultoras beneficiárias

por extensionistas que trabalham para a formação de agricultores multiplicadores que, além de adotar a perspectiva agroecológica, caracterizada pelo incentivo ao desenvolvimento e a produção para a renda familiar sem deixar de zelar pela preservação dos ecossistemas, ressaltando ainda o respeito à diversidade ambiental e sociocultural, tem o papel de disseminar as noções e práticas aprendidas nos processos educativos oferecidos com outros sujeitos, fortalecendo suas comunidades e meios de organização.

Objetiva-se com este trabalho identificar se há uma transição das práticas de produção convencionais para práticas agroecológicas nas atividades de agricultura familiar no município de Quixabeira², e conseqüentemente analisar as contribuições do serviço de ATER para tal transição e para o acesso a políticas públicas nas comunidades assistidas no município de Quixabeira, e identificar a influência da formação para a Educação de Convivência no Semiárido nos relatos das famílias no que se refere às suas práticas econômicas, sociais, culturais e identitárias.

Diante do que foi acima citado, apresentam-se as seguintes questões orientadoras: Há uma transição das práticas de produção convencionais para práticas agroecológicas nas atividades de Agricultura Familiar no município de Quixabeira no Território da Bacia do Jacuípe? E, em que medida o trabalho de ATER contribui para essa possível transição? A principal hipótese aqui apresentada consiste na afirmativa de que a ATER, tomada como assessoria promotora de um importante processo educativo, apresenta um potencial de mudança para a realidade social (política, econômica, educacional, ambiental e cultural) das famílias atendidas, capaz de colaborar significativamente com o processo de transição de práticas convencionais de agricultura para uma prática agroecológica.

A nova proposta de ATER no Brasil, baseada na ideia de valorizar e propiciar o desenvolvimento (em vários setores da vida das famílias agricultoras) no Semiárido baiano, por sua incipiência, evidencia a importância de estudos nessa área. Espera-se com essa pesquisa colaborar com a construção de conhecimento relativos a atuação da ATER, de modo a contribuir na identificação de possíveis problemas/deficiências, tal como na superação destas pelas

² Localizada a 300 km de Salvador, a cidade possui uma área de 387,677 Km² e população estimada em 10.033 habitantes, tendo como bioma predominante a Caatinga. Dados do IBGE (2015).

entidades prestadoras do serviço e órgãos responsáveis pelas Chamadas Públicas³, assim como fomentar o reconhecimento e a divulgação das práticas positivas. O desenvolvimento dessa pesquisa é de grande relevância para o meio acadêmico situado no semiárido pois é também um trabalho que aponta diversos outros elementos que poderão frutificar outras temáticas relacionadas ao contexto local que estimulem novas pesquisa, novas perspectivas de ensino e extensão acerca do semiárido.

METODOLOGIA

A metodologia que norteou toda a pesquisa que frutificou neste artigo está pautada na metodologia de abordagem qualitativa. “A pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum com o investigador.” (MINAYO, 2001, p. 14).

A pesquisa qualitativa rompe com a lógica positivista de distanciamento e delimitação do campo empírico em relação ao pesquisador, pois o seu campo científico é o mundo social, o pesquisador assume uma relação direta com o ambiente que está sendo investigado, há uma preocupação maior com o processo do que com o resultado final.

Ainda a respeito da análise qualitativa, Minayo (1993) aponta que esta corresponde:

[...] a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde ao espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p.21)

A pesquisa qualitativa trabalha com dados que muitas vezes não são mensuráveis em números e/ou dados estatísticos, porém abre-nos um leque de possibilidades para compreender os

³ As Chamadas Públicas, tal como os editais abertos pelos governos Federais e Estaduais, determinam os critérios de seleção de órgãos a serem contratados para prestação de serviços aos mesmos. Os melhores pontuados assumem as vagas, fechando os contratos.

fatos a partir da perspectiva do outro, pois a abordagem qualitativa permite que a subjetividade da narrativa do outro seja explicitada e registrada.

Tomou-se como perspectiva de análise a Entrevista Compreensiva, fruto do trabalho do sociólogo francês Jean-Claude Kaufmann (2013), e tomado por Silva (2006), que a aponta como baseada em uma “escuta sensível” direcionada ao reconhecimento de unidades de sentido. Elaborada através de quatro técnicas principais - o roteiro de entrevista, o quadro dos entrevistados, os planos evolutivos e as fichas de análise interpretativas⁴ - tal perspectiva, que reconhece o pesquisador como aquele que desempenha, simultaneamente, os papéis de homem de “campo”, metodólogo e teórico, defende que:

O comportamento do indivíduo é relacionado dialeticamente com a sociedade, de forma que o pesquisador deverá explicar o “bordejar dialético” contínuo entre o menor detalhe (o local) e a mais global das estruturas globais. Tal fato necessita do trabalho do pesquisador como um trabalho de “artesanato intelectual”. (SILVA, 2006, p. 12).

A recolha de dados foi realizada com 07 famílias a partir do universo de 12 famílias que são acompanhadas pelo serviço de ATER prestado pela Associação de Pequenos Agricultores de Jaboticaba (APPJ) na comunidade de Jaboticaba, zona rural da cidade de Quixabeira – Bahia. Na sessão de discussão dos dados apresentar-se-ão maiores informações sobre a APPJ.

O critério de escolha dessas famílias deveu-se ao seguimento da lista de beneficiários da comunidade, que segue a ordem do cadastramento e arquivamento das pastas onde são organizados todos os documentos e atestes referentes a cada UPF⁵ assistida.

Os instrumentos utilizados neste trabalho foram pesquisa documental (atestes individuais e coletivos das comunidades, relatórios, material de trabalho e demais instrumentos disponibilizados pela instituição); aplicação de questionários de identificação (QI - que nos permitiram traçar o perfil das famílias atendidas); a gravação e transcrição de entrevistas semiestruturadas realizadas com as famílias agricultoras beneficiadas e a análise interpretativa destas, que nos permitiram atingir os objetivos propostos inicialmente.

⁴ As Fichas de análise interpretativa construídas neste trabalho constam nos apêndices. Consideradas muito pertinentes, são constituídas de diversos trechos das entrevistas, que embora relevantes não puderam ser incluídos ao longo do texto do artigo.

⁵ Unidade de Produção Familiar.

A aplicação dos Questionário de Identificação e a realização das entrevistas semiestruturadas aconteceram entre os dias 20 e 30 de outubro de 2017. No que se refere às entrevistas, totalizamos 07 gravações em áudio, devidamente transcritas e aqui analisadas.

Ressalta-se que as entrevistas, no processo de transcrição, receberam correções ortográficas e gramaticais, aplicadas com total cuidado de modo a não modificar o sentido de nenhuma das falas colhidas. Para além, explicita-se total respeito às variações linguísticas, influenciadas regional, geracional e culturalmente. A opção pelo uso da norma culta da língua portuguesa no texto deve-se ao seu caráter acadêmico, também no que se refere ao uso das palavras no masculino, que abarcam também o feminino, o que não nos impossibilita de prezar discussões de gênero.

DISCUSSÃO TEÓRICA

3.1 O Semiárido Brasileiro e Agricultura Familiar

O Semiárido brasileiro (SAB) abrange uma área de 18,2% (982.566 Km²) do território nacional, o que representa 20% dos municípios brasileiros (1.135), abrigando cerca de 11,84% da população do país. Quase 41,3% da sua população são crianças e adolescentes na faixa etária de 0 a 17 anos, e nele estão 81% das comunidades quilombolas de todo o Brasil. Grande parte do seu território está no Nordeste, se estendendo também pela parte setentrional de Minas Gerais (o Norte mineiro e o Vale do Jequitinhonha). No caso da Bahia, 59,9% de sua área é caracterizada como semiárida⁶. Apresenta como bioma predominante a Caatinga e é caracterizado por períodos de estiagem e uma intensa evapotranspiração da água, aliadas a um déficit no que diz respeito a estratégias de armazenamento de água historicamente reconhecido.

No que se refere ao SAB, assume destaque a relação com a água e o ambiente, relação esta que passou por diferentes fases, desde a convivência harmoniosa dos indígenas, a inserção de tecnologias de grande porte, enquanto parte do que foi denominado como uma luta de combate à

⁶ Dados da Articulação Semiárido Brasileiro. Disponível em: <http://www.asabrasil.org.br/semiariado>.

seca, entre outros processos. Um passo importante, como aponta Gnadlinger (2015), foi a delimitação do SAB, correspondente a 67% da região Nordeste e delimitado a partir de três critérios técnicos: Precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 mm; índice de aridez menor que 0,5 (relacionando precipitações e evapotranspiração); e o risco de seca. A irregularidade das chuvas, e não a quantidade (como por vezes se imagina), é considerada um fator relevante na caracterização do SAB, tal como a evaporação.

O Semiárido brasileiro é marcado por um estereótipo que o classifica como pouco fértil ou improdutivo o que, para além das questões climáticas, remete à necessidade de reconhecer a relevância de Conviver com o Semiárido, desmistificando a noção de que é preciso “combater a seca”. Atualmente a perspectiva mais positiva que trabalha com a ideia de uma *Convivência com o Semiárido* tem sido vastamente discutida e adotada. A discussão sobre o SAB envolve diretamente âmbitos como o cultural e o político, considerando que culturalmente atribui-se a falta de chuvas à vontade divina⁷ e que ações como a implantação de tecnologias de captação de água da chuva refletiria amplamente na realidade local.

A Lei 11.326⁸ reconhece como agricultor familiar ou empreendedor familiar aquele que pratica atividades no meio rural, não detendo, a qualquer título, área maior do que quatro módulos fiscais; utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; e, por fim, dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

Segundo Mello (2002), a agricultura familiar representa cerca de 80% dos estabelecimentos rurais do Brasil, desse modo observa-se uma grande necessidade de acompanhamento dessas famílias, visto que as regiões rurais do Semiárido Brasileiro apresentam altos índices de analfabetismo⁹, desse modo, tornam-se necessárias inúmeras ações de orientação, formação e acompanhamento das práticas agrícolas desenvolvidas por essas famílias, por vezes

⁷ Ver: MATOS, Iolanda Almeida Santos. *Relações Estabelecidas em Torno das Estiagens em Quixabeira – Bahia, Década de 1990*. UNEB, 2012. 81 fls.

⁸ Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais, de 24 de julho de 2006.

⁹ De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE) realizada em 2013, a taxa de analfabetismo é de 14,3% entre a população baiana.

marcadas por difusões geracionais de formas de trabalho, visando a impulsionar o contato com técnicas e experiências que venham a favorecer o aprimoramento da agricultura familiar no semiárido, potencializando os resultados das atividades produtivas.

3.2 O Serviço de ATER no Semiárido

A Assistência Técnica e Extensão Rural, orientada pela Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER), criada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário em 2004, tem como objetivo:

Estimular, animar e apoiar iniciativas de desenvolvimento rural sustentável, que envolvam atividades agrícolas e não agrícolas, pesqueiras, de extrativismo, e outras, tendo como centro o fortalecimento da agricultura familiar, visando a melhoria da qualidade de vida e adotando os princípios da Agroecologia como eixo orientador das ações (BRASIL, 2004, p. 09)

De acordo com Brito (2012), os serviços de ATER datam, no Brasil, de meados da década de 40, pretendendo estimular a melhoria das condições de vida da população do campo e impulsionar o que chamavam de modernização da agricultura, focando na política de industrialização do país. Implantada como um serviço privado ou paraestatal, com o apoio de entidades públicas e privadas, esta passou por momentos de estagnação e crescimento ao longo dos anos e das mudanças políticas, alcançando certa estabilidade a partir da Constituição Federal de 1988.

Ainda segundo Brito (2012), a atividade de ATER foi tomada como uma “alternativa diante das dificuldades de construir uma educação escolar para a sociedade rural” (p.1.348) e hoje, mediante diversos processos de reestruturação, atua também na execução de políticas públicas que beneficiam as famílias agricultoras. Segundo o MDA, o trabalho de ATER está amparado nos seguintes princípios:

O Brasil entra em uma nova e promissora fase ainda não experimentada na sua história: crescimento econômico com distribuição de renda. A sociedade civil se fortalece, a democracia se consolida, as ações afirmativas ganham força e o olhar sobre o campo é modificado, rompendo o estereótipo do rural como sinal de atraso. Nesse período, a Ater

ganha uma nova dimensão, o seu papel é modificado, uma política é lançada – Pnater – e uma Lei institucionaliza os avanços conquistados. Os serviços de Ater passam a atuar tendo como princípios o desenvolvimento rural sustentável, compatível com a utilização adequada dos recursos naturais e com a preservação do meio ambiente; a gratuidade, qualidade e acessibilidade aos serviços de Ater; a adoção de metodologia participativa, com enfoque multidisciplinar, interdisciplinar e intercultural, buscando a construção da cidadania e a democratização da gestão da política pública; a adoção da agricultura de base ecológica; as dimensões de geração, raça e etnia; a igualdade nas relações de gênero; e a contribuição para a segurança e soberania alimentar e nutricional. (BRASIL, s/d, p. 06).

Desse modo, pode-se compreender a relevância que o trabalho de ATER tem para as pequenas famílias agricultoras do semiárido, enquanto concepção que busca, de forma participativa, estimular processos produtivos sustentáveis e processos sociais de paridade, considerando as experiências, características e peculiaridades do público. Como salientam Caporal e Costabeber (2000), meio ambiente e sociedade são os pilares básicos de uma proposta de extensão rural direcionada à “promoção da qualidade de vida, inclusão social e resgate da cidadania no campo, implicando a busca permanente de contextos de sustentabilidade” (p. 06).

3.3 A perspectiva Agroecológica na Agricultura Familiar

A pensar no conceito de Agroecologia, Norder (2016) aponta que no Brasil, esta vem se delineando em diversos campos, como no científico, nos movimentos sociais, nas políticas governamentais e no sistema de educação formal. Alvo de diferentes debates e interpretações é perceptível que a Agroecologia tem sido abordada de diversas formas, com finalidades e prerrogativas distintas em cada instituição, ocupando espaços que vão de processos de conhecimento a processos produtivo-organizacionais.

A Agroecologia assume parte relevante de uma estratégia de mobilização social e política ao se delinear, de maneira cada vez mais acentuada, não apenas como ciência, prática e movimento social, como também diretriz para políticas governamentais e modalidade de educação formal, ao passo em que algumas perspectivas a relacionam, até mesmo, a nova profissão, modo de vida, ética, ideologia ou utopia, como indica Norder (2016), ao apontar a polissemia, o pluralismo e as controvérsias que rodeiam a noção de Agroecologia nos últimos

anos, ressaltando a relevância da ampliação de debates interpretativos a respeito dos sentidos da Agroecologia na contemporaneidade.

Tal contexto é marcado por uma alternância entre discursos científicos, programáticos e normativos, assim como pela existência de diferentes proposições, especialmente na ciência e educação, que tratam do objeto de estudo da Agroecologia, definido de diferentes maneiras por vertentes identificadas pelos autores como a etnoecológica, a eclética e a universalista.

A Agroecologia é um conceito complexo, demandando debates e discussões que contemplem a sua dimensão ampla, e, tal como Caporal e Costabeber (2002), que reconhecem que essa proposta presume vincular os interesses e pretensões no campo da agricultura e da sociedade, apresenta-se também o agrônomo e entomologista chileno Miguel Altieri, que produziu ricos debates e a define como:

[...] a ciência ou disciplina científica que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias para estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas, com o propósito de permitir a implantação e o desenvolvimento de estilos de agricultura com maiores níveis de sustentabilidade, a Agroecologia proporciona as bases científicas para apoiar o processo de transição a estilos de agricultura sustentável nas suas diversas manifestações ou denominações. (ALTIERI, 1995, apud CAPORAL E COSTABEBER, 2002, p. 08)

Só uma compreensão mais profunda da ecologia humana dos sistemas agrícolas pode levar a medidas coerentes com uma agricultura realmente sustentável. Assim, a emergência da agroecologia como uma nova e dinâmica ciência representa um enorme salto na direção certa. A agroecologia fornece os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais, e que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis (ALTIERI, 1987, apud ALTIERI 2004, p. 21).

É de grande valia apresentar também a contribuição de Eduardo Sevilla-Guzmán, sociólogo espanhol referência no debate da Agroecologia,

[...] o manejo ecológico dos recursos naturais através de formas de ação social coletiva, que representem alternativas ao atual modelo de manejo industrial dos recursos naturais, mediante propostas surgidas de seu potencial endógeno. Tais propostas pretendem um desenvolvimento participativo desde a produção até a circulação alternativa de seus produtos agrícolas, estabelecendo formas de produção e consumo que contribuam para encarar a atual crise ecológica e social. (SEVILLA-GUZMÁN, 2002, p. 11)

Ao relacionar as perspectivas agrária e social, a partir dos trechos acima dispostos, obtém-se uma boa caracterização de como o tema vem sendo academicamente pensado. No tocante a Agroecologia, de modo mais específico a partir da relação entre a ação governamental e

a atuação dos movimentos sociais na qual o objeto desta pesquisa está situado, é possível tomá-la como uma vertente transdisciplinar e orientadora de uma maneira de produção que garanta renda e o sustento, centrada em uma perspectiva que se preocupa com a preservação do meio ambiente e busca respeitar a diversidade – tanto natural/climática quanto sociocultural, atuando em conjunto com a comunidade e os meios de organização. Em suma, consiste na “convivência harmoniosa do ser humano com todas as formas de vida”¹⁰.

Como ciência em construção, com características transdisciplinares, a agroecologia necessita da participação efetiva de diversas ciências e disciplinas, como a Agronomia, a Biologia, a Economia, a Sociologia, a Antropologia, a Ciência do Solo, entre outras. Além disso, incorpora e reelabora o conhecimento tradicional das populações. Ciência integradora, a ecologia fornece a base metodológica para a integração desses conhecimentos (FEIDEN, 2005, p. 68)

A partir deste prisma, a agricultura, tópico oportuno para diversos ramos do conhecimento, é tomada como um sistema vivo e complexo agregada à natureza, caracterizada pela riqueza de diversidades, diversidades estas que devem ser respeitadas. Os conceitos de agroecologia e agricultura sustentável foram firmados na Eco 92¹¹, onde os alicerces para um desenvolvimento sustentável no mundo foram discutidos.

Um dos ramos da Agroecologia que merece destaque é a produção e o cultivo de alimentos de maneira natural ou orgânica, evitando o uso de agrotóxicos/adubos químicos solúveis. Ainda de acordo com o Site Ambiente Brasil, a produção agroecológica/orgânica tem crescido mundialmente com uma porcentagem de 20 a 30% ao ano. Os sistemas agroecológicos em funcionamento manifestam a viabilidade em produzir permitindo processos naturais de renovação do solo, buscando dependências mínimas de insumos agroquímicos e energéticos externos, o que facilita a reciclagem de nutrientes no mesmo, além de colaborar para a utilização racional dos recursos naturais e preservação da biodiversidade, pontos de suma importância para a formação do solo.

O Brasil é líder mundial no consumo de agrotóxicos/agroquímicos¹², o que apresenta como consequências a poluição/contaminação do meio ambiente por resíduos químicos, um alto

¹⁰ Colaboração sobre o conceito de agroecologia apresentada pela APPJ em suas cartilhas.

¹¹ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, organizada pelas Nações Unidas e realizada em 1992, no Rio de Janeiro, com chefes de estados de vários países, objetivando discutir os problemas ambientais a nível mundial.

¹² Segundo matéria do Site EBC (2015).

custo econômico de produção, a dependência de insumos industriais/químicos, além da contaminação de trabalhadores rurais e consumidores através do contato no trabalho diário, por vezes realizado sem o devido material de proteção, e do consumo dos alimentos. Objetivando contrapor essa realidade, os métodos orgânicos baseados na agroecologia colaboram positivamente com a agenda ambiental e tem uma relevante relação com a saúde e a política de soberania alimentar e nutricional do país.

A perspectiva agroecológica adotada pela ATER no Semiárido pretende fomentar a substituição de métodos tradicionais de produção agrícola pela adoção de práticas como a valorização e a preservação das espécies nativas (flora e fauna); a gestão responsável da água (captação, preservação e uso); manejo adequado do solo; diversidade produtiva (de caráter vegetal e animal); interdependência entre sistemas produtivos; criação de reservas estratégicas para alimentação animal nos períodos de estiagem; fortalecimento das formas de organização social e da economia solidária; produção orgânica e promoção da saúde humana, entre outras.

DISCUSSÃO DOS DADOS E RESULTADOS

4.1 Lócus e perfil dos colaboradores

O *lócus* para a pesquisa de campo se deu no município de Quixabeira, no âmbito da Associação de Pequenos Produtores de Jaboticaba - APPJ, que é uma entidade sem fins lucrativos situada no povoado de Jaboticaba, Quixabeira - Bahia, criada em 22 de julho de 1987 com o objetivo de colaborar com o desenvolvimento da sustentabilidade e da preservação ambiental na região e com a missão de promover ações que resultem no crescimento integral do cidadão.

Um dos princípios da APPJ é a valorização do clima local e o trabalho no campo e tendo como beneficiários famílias agricultoras. Além de serviços de ATER, através da qual a entidade atua em 23 cidades do estado, a mesma atua também nas áreas de educação/formação, infraestrutura hídrica/tecnologias de captação e armazenamento de água, financiamento da produção e o associativismo/cooperativismo. É também uma instituição colaboradora da

fundação da Escola Família Agrícola de Jaboticaba - EFAJ¹³ e mantém o Projeto de *Convivência com o Semiárido* - CONVIVER.

Foi possível observar através da análise documental que o trabalho realizado pela equipe da APPJ/CONVIVER no município de Quixabeira, um dos três municípios do Território da Bacia do Jacuípe atendidos, em companhia de Capim Grosso e São José do Jacuípe, baseia-se em uma proposta de ATER¹⁴ fruto de um edital lançado pela Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Dotada de um olhar mais completo/expandido, essa Nova Proposta de ATER teve início, na instituição a ser pesquisada, em julho de 2014 e tem previsão de durabilidade de três anos¹⁵, atendendo vinte municípios de cinco territórios baianos. O trabalho de ATER voltado para a *Promoção da Agricultura Familiar Agroecológica, Orgânica e Agroextrativista no semiárido da Bahia* executado pela APPJ apresenta como missão precípua melhorar a qualidade de vida das famílias atendidas.

Para tanto, a entidade se pauta em noções como o respeito e a valorização dos conhecimentos prévios e características culturais dos seus beneficiários para construir um trabalho de educação não escolar baseado em atividades individuais (visitas às UPF's) e coletivas (cursos, intercâmbios, palestras, reuniões, entre outros), abordando temas e práticas relacionados à Convivência com o Semiárido, visando a permanência estável na terra e o desenvolvimento sustentável, pautado no equilíbrio e integração entre o aspecto social, ambiental e econômico da realidade dos sujeitos envolvidos.

No caso específico da cidade de Quixabeira, a agricultura familiar é a atividade responsável pela ocupação e renda de mais de 80% das famílias do município¹⁶, o que evidencia que essa agricultura familiar proporciona/fomenta o desenvolvimento econômico a partir da

¹³ Instituição de Educação Escolar Contextualizada para jovens da região, cujo trabalho tem como base a Pedagogia da Alternância, que oferece Ensino Fundamental II e Ensino Médio com Formação profissional integrada para Técnicos em Agropecuária.

¹⁴ O trabalho é realizado, em grande parte, por técnicos agrícolas/agropecuários, que contam com o apoio de profissionais da engenharia agrônômica, biologia, gestão ambiental e zootecnia.

¹⁵ Com o processo de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff e a consequente extinção do MDA, a gestão da Chamada Pública apresentou alguns problemas. A ausência de direcionamento de recursos financeiros à entidade resultou em uma interrupção do serviço, desde junho/2017. Atualmente, a entidade está aguardando o resultado de um processo de acordo bilateral de rescisão de Contrato, justificado pela inviabilidade de continuação do trabalho neste contexto.

¹⁶ Dado concedido pela Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente da cidade de Quixabeira, em dezembro de 2016.

produção de alimentos, matérias primas e da geração de trabalho/renda das populações rurais, desempenhando papel indispensável na região.

Os questionários de identificação aplicados como um dos instrumentos dessa pesquisa permitiram traçar o perfil dos agricultores familiares em questão, apresentado no quadro a seguir.

Quadro 01 – Perfil dos Agricultores Familiares beneficiários entrevistados, traçado a partir dos Questionários de Identificação.

Nº	Nome (Fictício)	Sexo	Idade	Estado Civil	Auto identificação étnica	Nº de membros na família	Ocupação (s) ou Fontes de renda	Renda familiar média/mês	Realização da entrevista
01	Celso	M	64	Casado	Branco	02	Agricultura familiar; aposentadorias.	2,5 SM ¹⁷	Residência, turno noturno. 20/10/2017.
02	Edson	M	32	Casado	Negro	03	Agricultura familiar.	2 SM	Residência, turno noturno. 21/10/2017.
03	Eliana	F	35	Casada	Morena	04	Agricultura familiar; Bolsa Família.	1,5 SM	Associação, turno vespertino. 22/10/2017.
04	José	M	62	Casado	Pardo	06	Agricultura familiar; aposentadoria; “bicos”.	3 SM	Residência, turno noturno. 22/10/2017.
05	João	M	62	Casado	Pardo	05	Agricultura familiar, aposentadoria.	2 SM	Residência, turno noturno. 25/10/2017.
06	Maria	F	58	Casada	Parda	02	Agricultura familiar, aposentadoria.	1,5 SM	Residência, turno matutino. 28/10/2017.
07	Eva	F	59	Casada	Parda	03	Agricultura Familiar; aposentadoria; beneficiamento e comercialização de alimentos.	2 SM	Residência, turno vespertino. 30/10/2017.

4.2 O conceito de Agroecologia sob a perspectiva dos colaboradores

¹⁷ Salário Mínimo. Ressaltando que o salário mínimo brasileiro, no ano de 2017, é equivalente a R\$ 937,00.

Na recolha das entrevistas os agricultores familiares apresentaram em suas falas a concepção particular a respeito do conceito de agroecologia. É válido ressaltar que essa concepção aqui apresentada está em constante movimento de construção, acredita-se também que essa concepção traz as marcas das formações oferecidas pelo serviço de ATER da APPJ, tendo em vista que os processos formativos executados, tanto no que se refere as atividades individuais quanto coletivas, são planejados e pautados em estratégias de disseminação de práticas e valores agroecológicos.

Rapaz, a agroecologia... eu sei falar um pouco assim, do meio ambiente, da coisa que a gente precisa preservar a natureza, ter cuidado... eu nunca usei agrotóxico, nunca botei veneno em roça minha, que nem muitos botam... tudo isso obedecendo a esses ensinamentos. Antes a gente ia mais pelo costume, né? Ia fazendo o que via os pais fazerem. Depois foi aprendendo. (Celso, 64 anos).

O que eu entendo de agroecologia é produzir em harmonia com o meio ambiente, né? (Edson, 32 anos).

Agroecologia é sobre as plantas, é o sistema de você plantar, de você colher, porque na verdade nós vivemos assim, sem saber ao certo o que é agroecologia, mas é uma forma, assim... de você trabalhar, plantar, no seu terreno, uma planta saudável, e você colher, ter as plantas orgânicas. Saber zelar a terra. Porque não adianta eu chegar numa feira e ter um tomate deste tamanho e eu ir comprar ele porque ele é bonito. Mas eu chego na sua horta e está tudo miudinho... ali é que é o saudável, é aquele ali. (Eva, 59 anos).

O conceito apresentado pelo Celso atende à expectativa do que Altieri (2004) apresenta quando afirma que a Agroecologia proporciona as bases de apoio para o processo de transição a estilos de agricultura sustentável nas suas diversas manifestações ou denominações, que configura também o objetivo da Chamada Pública de ATER em questão, ao revelar que alguns costumes corriqueiramente reproduzidos foram substituídos por métodos preocupados com a questão ambiental. Tomando mais uma vez Caporal e Costabeber (2002) que colocam que a “agroecologia nos faz lembrar uma agricultura menos agressiva ao meio ambiente (...) a oferta de produtos limpos, isentos de resíduos químicos (...)” (p. 12), elementos enfatizados na fala da Dona Eva. Assim, entende-se que o trabalho desenvolvido pelo serviço de ATER vem contribuindo para a construção de estilos de agricultura sustentável e desenvolvimento rural, ao tentar reduzir os impactos das ações produtivas sobre o meio ambiente.

Os trechos acima evidenciam o que a agroecologia representa para as famílias assistidas, que ressaltaram o tripé *produção - respeito ao meio ambiente – saúde da família*, demonstrando que a valorização de produtos saudáveis, a preservação da biodiversidade da localidade e a qualidade de vida são elementos que assumiram prioridade ao longo do processo de formação do qual fazem parte.

4.3 Formação Agroecológica: Fragilidades e Potencialidades da ATER

Durante a entrevista compreensiva, os agricultores foram questionados a respeito de quais eram os pontos que eles consideravam fortes (o que há de melhor) e fracos (problemas) da ATER, e também foram interrogados sobre que elementos poderiam melhorar a qualidade do serviço. As respostas que mais apresentam indicativos de algumas fragilidades encontradas na formação agroecológica do serviço de ATER, foram:

Olha... eu só acho assim, viu? Porque esses projetos não trazem ainda um meio de sobrevivência para os homens do campo... eles não trazem assim, um projeto de fundo perdido, por exemplo, um investimento. Precisamos que os técnicos tragam alguns projetos que dividam, com o pessoal cadastrado, e coloque para produzir, para fazer com que aquilo ande. Porque só a conversa não é muito, não tem um resultado tão bom quando poderia ter, né? Porque a gente aprende, é muito bom, mas tem que ter ajuda... (Celso, 64 anos).

Eu acredito que as trocas de técnica, quando entra uma nova, mais que atrapalha, porque assim, quando você está acostumada com aquela pessoa, que já conhece você... suas coisas, direitinho, eu acho que facilita mais o trabalho, tanto para os técnicos como para gente. Já conhece a trajetória, a realidade, quando troca eu tenho que fazer tudo de novo, explicar tudo, para ela ter o conhecimento de como é para poder me ajudar. (Eliana, 35 anos).

As colaborações apontaram dois itens: primeiramente, as trocas/substituições de técnico, e em segundo, a ausência de incentivos financeiros (os chamados fomentos) que viabilizassem algumas ações fundamentais para o processo de transição agroecológica.

Os agricultores apresentam a rotatividade de profissionais como sendo um problema ao longo das formações, pois estariam relacionadas com algumas pausas na execução da Chamada Pública de ATER, referentes a problemas administrativos (atraso dos pagamentos), que levaram a

entidade a demitir a equipe em momentos pontuais, e, em menor escala, a alguns pedidos de dispensa.

Já a questão da necessidade de apoio financeiro, recorrente entre os beneficiários e conhecida popularmente como a “*ATER seca*”, diz respeito à carência que muitas famílias têm de incentivos que possibilitem a estruturação de suas propriedades e viabilizem a produção, principalmente a produção agroecológica, que demanda alguns métodos e cuidados especiais. Os contratos e chamadas públicas atualmente não possuem nenhum tipo de incentivo financeiro, as ações neste sentido funcionam a partir de parcerias, projetos e políticas públicas, ponto ao qual retornaremos no próximo subtópico.

No que se refere às potencialidades do serviço de ATER, as falas demonstram que este têm modificado os hábitos e as práticas produtivas das famílias beneficiadas, percebidas pela influência da ATER nas novas formas de trabalho adotadas, ainda mais expressivas nas questões ambientais, relacionadas ao manejo dos recursos naturais.

Olha, eu, eu tive orientação que serviu muito porque, principalmente o plantio de Palma que a gente fez foi uma orientação técnica, né? E também a horta, que as vezes a gente planta ali uma hortazinha para alimento da gente, e eu não dou veneno. Eu produzo ela... as vezes, quando tem alguma pragazinha por ali que está prejudicando a planta eu dou aquelas... aqueles alternativos que os técnicos nos informam, com álcool, sabão, e aí eu produzo as minhas coisas sem veneno. (Celso, 64 anos).

Temos muita coisa que ficou... não fazer as queimadas, nisso aí incentivou muito a gente. Na verdade, as queimadas matam os microrganismos da nossa terra, e a não usar o agrotóxico também. O meu terreno lá no rio tem uma matinha lá, que eles andaram lá, já deixou tudo certinho para eu não mexer na matinha lá¹⁸, pois, eu vou zelar muito. E acima disso, são os cursos, que eu tomei muitos cursos, eu sou hoje instrutora de biscoito, eu tomei 03 cursos, eu hoje tenho toda formação de trabalhar na agricultura sobre a arte culinária, eu trabalho muito na culinária. (Eva, 59 anos).

Tenho claro para mim que o conhecimento técnico ajuda muito. Mudou... no sentido de organizar melhor, planejar, tentar conhecer mais a... o trabalho que você está desenvolvendo, para melhorar a produção. Sempre tem um avanço, né? (João, 62 anos)

Foram evidenciados aspectos como cuidado que se passou a ter com o meio ambiente e o orgulho que se sente em produzir e consumir organicamente – há também um forte reconhecimento do valor de mercado para produtos orgânicos, considerado superior aos

¹⁸ Referência à Reserva Legal, delimitada durante a realização do CEFIR pela agente de ATER.

alimentos produzidos convencionalmente. A saúde humana, como já citado, consiste em uma preocupação latente das famílias.

[...] a noção de qualidade de vida transita em um campo semântico polissêmico: de um lado, está relacionada a modo, condições e estilos de vida (CASTELLANOS, 1997, apud MINAYO, 2000, p. 10).

De outro, inclui as idéias de desenvolvimento sustentável e ecologia humana. E, por fim, relaciona-se ao campo da democracia, do desenvolvimento e dos direitos humanos e sociais. No que concerne à saúde, as noções se unem em uma resultante social da construção coletiva dos padrões de conforto e tolerância que determinada sociedade estabelece, como parâmetros, para si (MINAYO, 2000, p. 10).

Segundo Minayo (2000), podemos afirmar que a questão da qualidade de vida corresponde ao padrão que a própria sociedade define e articula para conquistar, consciente ou inconscientemente, assim como ao “conjunto das políticas públicas e sociais que induzem e norteiam o desenvolvimento humano, as mudanças positivas no modo, nas condições e estilos de vida, cabendo parcela significativa da formulação e das responsabilidades ao denominado setor saúde” (p. 16).

Sendo assim, as práticas agroecológicas contribuem com a qualidade de vida dos sujeitos, por meio de aspectos objetivos e subjetivos, considerando o conjunto de estratégias adotadas pelos agricultores familiares em busca de melhores e mais seguras condições de trabalho e vida, que não se restringem às atividades produtivas, mas englobam fatores como as expectativas individuais e a promoção de valores sociais voltados a essa qualidade a nível comunitário. É possível perceber a satisfação dos pequenos agricultores em produzir organicamente, assim como observa-se que eles já conseguem utilizar alguns termos técnicos das práticas agroecológicas.

Eu sou do semiárido, mas tem gente que não vê muita chuva aí pensa “eu vou desleixar”, aí não vou plantar, e vou comer a verdura envenenada lá da roça dos outros. E os técnicos, eles incentivam você a estar plantando a sua rocinha, ter de tudo um pouquinho...

“-- Está comendo lá da feira? ”

“-- Estou”

“—Rapaz, plante o seu”

É muito bom. Nós criamos galinha, ovelha, porque muitas das vezes eles pega uma ovelha, dá uma vacina e mata logo, e da roça da gente a gente sabe o que está comendo. Faz isso com o tomate, antes dos 12 dias, já tira e vende, que eu já vi. (João, 62 anos).

O estímulo à diversidade produtiva nas UPF's refletiu fortemente na renda familiar: mesmo aquelas famílias que não comercializam a sua produção, têm retorno financeiro ao economizar com ela, ao passo que assume grande importância para o consumo familiar mensal de alimentos, marcada pela variedade de produtos de origem vegetal e animal adquiridos autonomamente, oriundos das suas propriedades. Como aponta Azevedo (2011), em um estudo sobre a Agricultura familiar orgânica e qualidade de vida, “uma renda adequada contribui para a segurança financeira, para a auto-estima e para a melhoria da qualidade de vida do agricultor familiar” (p. 98).

Deste modo, observa-se a atuação ambiental, econômica e (além das expectativas iniciais) na área da saúde – uma saúde preventiva, diga-se de passagem - que a ATER vem desempenhando, que trazem à cena o destaque assumido pela disseminação de valores humanistas e a preocupação com a saúde familiar/soberania alimentar da comunidade analisada.

4.4 Relação entre o serviço de ATER e o acesso a Políticas Públicas

Nos últimos anos (especialmente entre 1996 e 2014) a criação de políticas públicas e programas¹⁹ voltados aos pequenos agricultores, ressaltam os reflexos da nova perspectiva de Convivência com o Semiárido, amplamente debatida na região, na agenda política e apresentam alternativas de apoio ao pequeno produtor do SAB, se apresentando como grandes possibilidades potenciais de impulsionar o desenvolvimento sustentável em comunidades e cidades rurais, tal como a participação popular em questões políticas e sociais²⁰.

Na comunidade de Jaboticaba o acesso a políticas públicas e projetos de apoio ao trabalho dos agricultores familiares é de fato facilitado pela ATER. Dentre os mais citados destacam-se:

¹⁹ Alguns exemplos: PRONERA; Fundação de Escolas Família Agrícolas; lei de ATER; Política Nacional de Ater; Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e Reforma Agrária; Programa Um Milhão de Cisternas; Lei da Política Nacional da Agricultura Familiar; Programa Garantia Safra; Bolsa Estiagem; PRONAF; PAA; PNAE; PNPB; e, especificamente na Bahia, a criação da SDR, a contratação de entidades para prestação de ATER Sustentabilidade e ATER para Povos e Comunidades Tradicionais; e a instituição do Programa Bahia Produtiva.

²⁰ Ressaltamos que iniciativas religiosas, grupos de jovens, associações, cooperativas, coletivos, uniões, manifestações em geral, toda e qualquer forma de organização de um grupo em prol de melhorias para a sua comunidade ou sociedade, é um ato político.

Acesso ao PRONAF; recebimento de mudas de palma resistente a cochonilha (*Dactylopius coccus*); recebimento de sementes de sorgo e a participação em projetos do Bahia Produtiva²¹, voltados ao fortalecimento da caprinovinocultura e apicultura.

Já acessei o PRONAF, teve um período aí que a associação conseguiu com a CONAB²² para comprar milho e ração mais barato, agora tem o projeto lá de caprinos e ovinos, recebi a palma, resistente a cochonilha, que foi programa do governo, ela é resistente a cochonilha do Carmin. Sim, e tem a produção de mel, que melhorou também depois do projeto, que eu vendo lá, entrego lá na COOPES²³. Sempre tem alguma coisa nova, né... agora mesmo tem esses kits que vão vir desse outro projeto que é agroecologia também, de abelhas. Aí vai, se estende por muita coisa aí. (Edson, 32 anos).

Ave Maria, um bocado eu participo. APPJ, EFA, COOPES, *Slow Food*²⁴, tem o grupo de mulheres, tem as mulheres do samba de roda, o outro grupo, o sindicato²⁵... estamos em tudo aqui em casa. (Eva, 59 anos)

Tal acesso é relacionado à participação e organização social: além do vínculo com a Associação prestadora do serviço, a maior parte dos beneficiários reconhece a importância e está inserida em outros tipos de organizações sociais, políticas e de luta pelo bem coletivo, como Cooperativas e Sindicatos. Apesar do grande apoio dessas políticas e da popularidade que elas adquirem entre os produtores rurais, elas ainda são insuficientes, há grande necessidade de aumentar o seu alcance, inclusive no que se refere à própria ATER, pois o número de famílias que não são assistidas nas comunidades atendidas é considerável.

(...) as políticas públicas voltadas à promoção da agricultura familiar seriam capazes de diminuir algumas das dificuldades históricas para o desenvolvimento do setor como: a baixa capitalização, a dificuldade de acesso ao crédito, e o acesso aos mercados

²¹ O Projeto Bahia Produtiva é um projeto do Governo do Estado da Bahia, executado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR, empresa pública vinculada à Secretaria do Desenvolvimento Rural – SDR, a partir de um acordo de empréstimo firmado entre o Estado e o Banco Mundial, por meio do qual são financiados (sem reembolso) subprojetos de inclusão socioprodutiva e de abastecimento de água e esgotamento sanitário, saneamento básico, de interesse e necessidade de comunidades de baixa renda da Bahia. Disponível em: <http://www.car.ba.gov.br/programa/bahia-produtiva/>.

²² Companhia Nacional de Abastecimento.

²³ Cooperativa de Produção da Região do Piemonte da Diamantina, com sede na cidade de Capim Grosso – Bahia.

²⁴ Associação internacional sem fins lucrativos, fundada em 1986 e com sede na Itália e atuação em cerca de 150 países, que tem como princípio básico o direito ao prazer da alimentação, utilizando produtos artesanais de qualidade especial, produzidos de forma que respeite tanto o meio ambiente quanto as pessoas responsáveis pela produção, os produtores.

²⁵ STTR – Sindicato de Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais de Quixabeira.

modernos pela adoção de novas tecnologias. Superadas tais dificuldades o setor poderia então contribuir para a economia local e para o desenvolvimento das sociedades onde estão inseridos. Os problemas enfrentados pela agricultura familiar no Brasil e as especificidades do setor requerem políticas públicas pertinentes, que viabilizem estes pequenos empreendimentos produtivos, promovam a fixação do produtor rural no campo – evitando novos fluxos de êxodo rural – e contribuam para o desenvolvimento regional (JUNQUEIRA, p. 161, 2008).

As políticas públicas têm se mostrado impulsionadoras do desenvolvimento da agricultura familiar, no entanto, faz-se necessário ampliar a sua abrangência, enfaticamente no Estado da Bahia, detentor do maior número de agricultores familiares do Brasil, tendo em vista que o fortalecimento da atividade demanda uma atuação enérgica do Estado, no qual as políticas públicas desempenham papel fundamental.

Ainda versando pelo tópico do acesso a políticas públicas, uma das perguntas orientadoras das entrevistas referiu-se às maiores dificuldades e necessidades do exercício da agricultura familiar: Se a família pudesse conseguir alguma coisa importante que facilitaria ou potencializaria o trabalho e a produção agroecológica da família, o que seria?

Os diálogos consequentes revelaram uma dificuldade dos beneficiários em discutir a produção familiar agrícola e pecuária, que vem acontecendo, mas em quantidades significativamente pequenas, o que é justificado pela forte estiagem, que leva os agricultores a concentrarem sua atenção na situação e demandas atuais. A água, ou melhor, a falta dela, é citada em todas as entrevistas e assume a centralidade neste momento. Unanimemente, a chuva é o bem mais desejado.

A dificuldade é o mal tempo, é a seca, não deixa a gente produzir mais nada. Mesmo assim, quem nasceu naquele serviço, quando vê formar uma chuva já fica feliz e quer corre para a roça. (João, 62 anos).

Deu uma ajudada. Coisa assim, que a gente tem aqui e não precisa mais comprar, já é bom. Mas com esse mau tempo, se não fosse as aposentadorias, nós não estávamos morando por aqui mais não, já tinha ido atrás dos meus filhos, estão todos fora, bem. (Maria, 58 anos).

Apesar de todas as estratégias de Convivência com o Semiárido abordadas na ATER e adotadas pelas famílias da região, que incluem o aumento de reservas estratégicas (feno, silo, expansão das áreas de palma e plantio adensado); o melhoramento genético dos rebanhos, a partir

dos quais é possível produzir bem com um número menor de animais; a defesa da preservação e propagação de sementes e raças crioulas, melhores adaptadas à realidade climática; e a gestão responsável da água, que inclui as etapas de captação, preservação e uso, o impacto da estiagem prolongada na renda e subsistência das famílias é considerável e tende ao agravamento do êxodo rural, enfaticamente entre os jovens, que anseiam por expansões de renda²⁶. Apesar do fato de que a produção de alimentos no Brasil é fruto, em sua maioria, do trabalho da agricultura familiar, que contribui significativamente com a Soberania Alimentar e Nutricional da nossa população, vários estudos²⁷ apontam que há um movimento de envelhecimento e masculinização do campo no país.

O êxodo rural de jovens apresenta consequências como o inchaço das cidades e mudanças consideráveis nas dinâmicas sociais, econômicas e culturais do Semiárido, o que tende a refletir em problemas de âmbito nacional nas próximas décadas. A sucessão familiar é um debate importante, que já vem sendo tocado pelos movimentos sociais, mas que necessita de mais atenção e precisa chegar nas agendas políticas dos municípios, estados, e do país.

As tecnologias de captação e distribuição de água, apesar de acessadas por alguns²⁸, se mostram insuficientes e configuram itens de primeira necessidade, algo emergencial, cujo acesso, a partir das falas obtidas, seriam de expressivo apoio à realidade regional, e é pauta de lutas de organizações locais diversas, que corroboram com a noção apresentada por Capella (1996), na qual a formulação das políticas públicas percorre processos fortemente marcados persuasão, onde a sensibilização feita pelas comunidades políticas e o público em geral²⁹ assumem caráter determinante na deferência de propostas apresentadas, no que se refere a formação das agendas governamentais.

²⁶ Algumas contribuições fizeram referências à produção de laranjas, para onde alguns integrantes de famílias entrevistadas teriam ido oferecer sua mão de obra, no interior de São Paulo. São vagas temporárias que duram apenas pelos meses de safra.

²⁷ Ver *Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos*, disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0621.pdf.

²⁸ Todas as famílias possuem Cisterna de bica/consumo; 02 famílias têm barreiros e 01 possui cisterna de produção/calçadão.

²⁹ Os Chamados *Grupos de interesse* ou *Grupos de pressão*.

Identidades e a Convivência com o Semiárido

Ao analisar a proposta de transição trazida pelo serviço de ATER, percebe-se aspectos interessantes como uma auto diferenciação entre suas práticas produtivas e o que observa na vizinhança, a valorização da autonomia profissional e os valores humanistas e preocupações sociais dos beneficiários da ATER acerca das realidades por estes percebidas na redondeza/comunidade.

A gente se sente diferente, do povo da comunidade. Faz as coisas com um sentido maior. Pensando no todo, assim, não só no umbigo. Isso é bom. (...) O melhor de morar e trabalhar aqui, que eu, no caso, acho, é que estou trabalhando para mim. No caso, a autonomia. Se eu não tiver disposição de ir na propriedade hoje não vai ter patrão. (Edson, 32 anos).

Se sente assim, transformador. Se a gente não cuida das plantas, do mundo, não tem vida... tem um papel que os meninos, os técnicos, deixaram aqui uma vez que dizia uma coisa muito bonita, que eu me lembro, que agroecologia é vida. A gente tem que defender a vida. Para nós e para os outros que vem aí. (Eva, 59 anos).

Essas pessoas manifestam ainda seu interesse em multiplicar os preceitos agroecológicos difundidos no projeto, embora por vezes isso não tenha uma boa aceitação por parte de vizinhos/conhecidos.

A maioria leva com tudo, é bem pouca gente... mais a gente que participa dessas reuniões e desses ensinamentos dos técnicos, que tem mais um cuidado. Porque eu conheço gente desde roça comunitária que a gente bota que ainda continua queimando, desmatando, destruindo. Aí tem hora que a gente vai falar, dar um conselho, e leva é reclamação, acham ruim. Um povo que não pensa muito, assim... no futuro. (José, 62 anos).

A ATER tem modificado concretamente práticas produtivas das famílias beneficiadas: as falas evidenciaram o cuidado com o meio ambiente e o orgulho que se tem em produzir e consumir organicamente, as famílias colaboradoras demonstraram muito contentamento na sua forma de trabalho/produção.

Por fim, o teórico cultural e sociólogo jamaicano Stuart Hall (2005) colabora com a discussão sobre as identidades dos sujeitos na contemporaneidade, que, tal como a cultura, não

seriam fixas, essenciais ou permanentes, considerando as representações e interpelações feitas pelos sistemas culturais nos quais estamos inseridos.

Devido a globalização, as sociedades modernas (que são sociedades da informação) são modificadas constantemente, rapidamente e permanentemente. Hall toma as nações modernas como híbridos culturais. Na mesma obra, o autor demonstra que a noção defendida pelo liberalismo e pelo marxismo de que o apego ao local daria gradualmente lugar a valores e identidades mais universalistas e cosmopolitas (pela globalização), resultante numa espécie de “unificação global”, não se sustenta, considerando que os seus desvios e deslocamentos tem se mostrado variados e contraditórios.

O que Hall demonstra é que a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do “global” e nem a persistência do “local”. A abordagem pós-colonial traz uma dimensão discursiva na construção das identidades coletivas, concebendo que sujeitos e discursos constituem-se simultaneamente, em outras palavras, indivíduos e coletivos se articulam através dos discursos, como podemos ver no trecho abaixo:

Um dia desses eu estava num curso, aí o rapaz falou uma coisa interessante, o palestrante: que em meio as dificuldades que o pai tem de produzir, cita até a questão de água, da família, a distância da aguada para casa, que o que facilita é a tecnologia, para interessar o jovem a ficar na propriedade. Então, é aquela questão, querendo ou não já está naquela fase, como é que eles falam? Da geração conectada, aqui a gente está no meio do mato, mas hoje todo mundo está com um celularzinho na mão, vendo as coisas que acontecem aí a fora, para usar aqui. O técnico mesmo, de vez em quando, manda vídeo, uma notícia, tudo é bom. (Edson, 32 anos)

A identidade, e, no caso específico, a identidade dos agricultores familiares, precisa ser encarada como um processo em constante mutação, que se constrói socialmente a partir do contexto, contexto esse marcado tanto pelo “local” (instituições socializadoras como a família, comunidade, ATER, grupos sociais, entre outras) quanto pelo “global” (com as informações obtidas através dos meios de comunicação de massa, vastamente acessíveis na atualidade), através dos discursos por estes disseminados, que atuam/influenciam a agência do indivíduo, mas sem determiná-la inteiramente: estamos em constante “transição”, num processo contínuo de construção e reconstrução.

Portanto, a relação entre o local e o global, a partir da democratização do acesso à informação, papel principalmente desempenhado hoje pela internet, surge como elemento

pertinente nas práticas produtivas e, conseqüentemente, nas construções identitárias dos agricultores familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todo o debate acima realizado, conclui-se que há uma transição das práticas de produção convencionais para práticas agroecológicas nas atividades de agricultura familiar no município de Quixabeira e ainda que o serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural pode ser concebido como uma estratégia/ferramenta de mudança social/ inovação social que engloba diversos âmbitos da vida, como por exemplo:

- No âmbito político, através da participação e organização das pessoas e da atuação dos Movimentos Sociais e políticas públicas direcionada ao setor;
- Econômico, considerando as práticas orientadas para a diversidade produtiva e a conseqüente complementação de renda nas UPF's;
- Educacional, a partir do trabalho de formação não escolar e da construção de um conhecimento contextualizado;
- Ambiental, tomando a ênfase na disseminação de práticas de preservação e manejo sustentável da Caatinga e produção agroecológica;
- E, por fim, cultural, ao integrar o conhecimento prévio dos beneficiários e colaborar com os processos de construções identitárias destes.

Apesar das dificuldades apontadas, em termos gerais o serviço tem tido êxito no que se refere à conscientização da população, de forma nivelada entre homens e mulheres, especialmente em relação a questões ambientais, de saúde humana e de fortalecimento social.

No que concerne à transição das práticas de produção agrícolas convencionais para práticas agroecológicas nas atividades das famílias pesquisadas, entende-se que os avanços demonstrados pelas famílias são expressivos.

A ATER tem se mostrado eficiente, incorporando a retomada de práticas populares naturais e a adoção de novas práticas de caráter técnico apresentadas pelo serviço, apoiada também por noções e ideias socializadas entre os beneficiários em outros espaços de organização social dos quais fazem parte. O aumento do número de chamadas, que ampliaria o público

beneficiário, integrado à expansão de projetos/políticas de apoio pecuniário ou estrutural para as UPF's seriam as complementações que o serviço demanda hoje, no Brasil, pautas já reconhecidas, mas que precisam ser fortalecidas pela sociedade civil até que alcancem a agenda governamental.

Referências Bibliográficas

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia – a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 4. ed., Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2004. 120 p.

AZEVEDO, Elaine de; SCHMIDT, Wilson; KARAM, Karen Follador. Agricultura Familiar Orgânica e qualidade de vida: um estudo de caso em Santa Rosa de Lima, SC, Brasil. *Revista Brasileira de Agroecologia*. 6 (3). P. 81-106. 2011. Disponível em: <http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/rbagroecologia/article/view/9946/8455>. Acesso em: 11/12/2017.

BRASIL. Lei 11.326. De 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. In: www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111326.htm. Acessado em: 05/03/2016.

BRASIL, MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário). 1ª Conferência Nacional sobre Assistência Técnica e Extensão Rural: ATER para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária e o Desenvolvimento Sustentável do Brasil Rural. Documento base – versão estadual. In: <http://www.agricultura.al.gov.br/cedafra/documentacao/1a-conferencia-nacional-sobre-assistencia-tecnica-e-extensao-rural/1a%20CONF%20NACIONAL%20SOBRE%20ATER.PDF>. Recuperado em: 20/12/2015.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Agrário; SAF. *Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural*. Brasília, 2004.

BRITO, Lydia Maria Pinto; OLIVEIRA, Patrícia Webber Souza; CASTRO, AHIRAN Brunni Cartaxo. *Gestão do conhecimento numa instituição pública de assistência técnica e extensão rural do Nordeste do Brasil*. *Revista Adm. Pública* — Rio de Janeiro. set./out. 2012. p. 1341-1367.

CAPELLA, Ana Cláudia N. *Perspectivas Teóricas Sobre o Processo de Formulação de Políticas Públicas*. BIB: revista brasileira de informação bibliográfica em ciências sociais / Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. -- n. 41 (1996) . São Paulo : ANPOCS, 1996. p. 25-52.

CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, José A. Agroecologia e Sustentabilidade. Base conceptual para uma nova Extensão Rural. In Word Congresso of Rural Sociology, 10. Rio de Janeiro. Anais. RIO DE JANEIRO, IRSA, 2000. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/desenvolvimentorural/textos/13.pdf>. Acesso em: 11/12/2017.

CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, José A. Agroecologia: enfoque científico e estratégico para apoiar o desenvolvimento rural sustentável. Texto provisório para debate. EMATER/RS-ASCAR, 2002.

EBC. *Brasil é líder Mundial em Consumo de Agrotóxicos*. Publicado em: 27/05/2015. In: <<http://www.ebc.com.br/noticias/saude/2015/07/brasil-e-lider-mundial-em-consumo-de-agrotoxicos>>. Acesso em: 15/02/2016.

FEIDEN, Alberto. Agroecologia: introdução e conceitos. In: *Agroecologia: Princípios e Técnicas para uma Agricultura Orgânica Sustentável*. p. 49-70. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005.

GNADLINGER, Johann. *Água de chuva no manejo integrado dos recursos hídricos em localidades semiáridas: aspectos históricos, biofísicos, técnicos, econômicos e sociopolíticos*. In: *Captação, Manejo e Uso da Captação de Água da Chuva*. Campina Grande, PB. Edição: ABCMAC/INSA. p. 37 a 74. 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10ª edição. DP&A Editora, 2005, 97 p.

IBGE Cidades. In: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292593&search=||info%EFicos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 28/02/2016.

INSA. INSA lança publicação com informações das características da população do Semiárido Brasileiro. In: <http://www.insa.gov.br/censosab/>. Jun. 2012. Recuperado em: 13/04/2015.

JUNQUEIRA, Clarissa Pereira; LIMA, Jandir Ferreira de. Políticas públicas para a agricultura familiar no Brasil. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 29, n. 2, p. 159-176, jul./dez. 2008. Disponível em: http://juventude.gov.br/jspui/bitstream/192/207/1/JUNQUEIRA_LIMA_pol%C3%ADticas%C3%BAblicasagriculturafamiliarbrasil_2008.pdf. Acesso em: 22/11/2017.

KAUFMANN, Jean-Claude, 1948. *A entrevista compreensiva: um guia para a pesquisa de campo*. Trad. Thiago de Abreu e Lima Florencio. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes; Maceió, AL: EDUFAL, 2013.

MELLO, Lígia Albuquerque. *Injustiças de Gênero: o trabalho da mulher na agricultura familiar*. 2002. 14 p. In: <

http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/gt_gen_po9_albuquerque_texto.pdf. Acesso em: 03/03/2016.

MINAYO, Maria C. Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: em debate necessário. Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. V. 5, n. 1, p. 7-18, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) et al. Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NORDER, Luiz Antonio et al. *AGROECOLOGIA: POLISSEMIA, PLURALISMO E CONTROVÉRSIAS*. Ambiente & Sociedade. São Paulo, v. XIX, n. 3, n p. 1-20. jul.-set. 2016.

SEVILLA-GUZMÁN, Eduardo. A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas. Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v.3, n.1, p 18-28, jan./mar. 2002.

SILVA, Mark Luiz Magalhães; RODRIGUES, Alidéia Oliveira; SILVA, Suzane Ladeia. Transformações e protagonismo social no Semiárido. P. 47-56. In: Estratégias de Convivência com o Semiárido Brasileiro. Irio Luiz Conti e Edni Oscar Schroeder (organizadores). Editora IABS, Brasília-DF, Brasil - 2013.

SILVA, Rosália de Fátima. Compreender a “entrevista compreensiva”. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2006. Disponível em: www.sigaa.ufrn.br/sigaa/verProducao.br. Acesso em: 20/11/2017.

APÊNDICES

Síntese das Unidades de Sentido e Categorias identificadas a partir da aplicação da metodologia, obtidas através dos Planos Evolutivos.

Unidades de Sentido	Categorias
<i>Formação Agroecológica das famílias</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Fragilidades da ATER. - Potencialidades da ATER. - Avaliação do serviço.
<i>Relação entre o serviço de ATER e o acesso a políticas Públicas.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Políticas/projetos acessados. - Água, reflexos da estiagem como pauta preponderante.
<i>Identidades e Convivência com o Semiárido</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Auto diferenciação. - Percepção da Produção Orgânica.

FICHA DE ANÁLISE INTERPRETATIVA Nº 01

Unidade de Sentido: Formação Agroecológica das famílias

Fragilidades da ATER

Olha... eu só acho assim, viu? Porque esses projetos não trazem ainda um meio de sobrevivência para os homens do campo... eles não trazem assim, um projeto de fundo perdido, por exemplo, um investimento. Precisamos que os técnicos tragam alguns projetos que dividam, com o pessoal cadastrado, e coloque para produzir, para fazer com que aquilo ande. Porque só a conversa não é muito, não tem um resultado tão bom quando poderia ter, né? Porque a gente aprende, é muito bom, mas tem que ter ajuda... (Entrevistado 01).

Eu acho até que as visitas que são poucas, podiam ter mais. O que eu acho que atrapalha um pouco é quando sai um técnico para entrar outro, né... porque você tem ali um... quebra uma relação que você tem com o técnico, até você criar de novo aquela relação, demora. (Entrevistado 02)

Eu acredito que as trocas de técnica, quando entra uma nova, mais que atrapalha, porque assim, quando você está acostumada com aquela pessoa, que já conhece você... suas coisas, direitinho, eu acho que facilita mais o trabalho, tanto para os técnicos como para gente. Já conhece a trajetória, a realidade, quando troca eu tenho que fazer tudo de novo, explicar tudo, para ela ter o conhecimento de como é para poder me ajudar. (Entrevistada 03).

- Trocas/substituições de técnico como aspecto negativo, que quebraria relações e familiarizações com a realidade da família já estabelecidas, sendo necessário reiniciar todo esse processo com a entrada do novo profissional.

- Ausência de incentivos financeiros (os chamados fomentos) que viabilizassem algumas ações fundamentais para o processo de transição agroecológica. Visando a potencialização dos resultados do trabalho, há grande ênfase na complementação da ATER com projetos de fundo perdido.

Potencialidades da ATER

Temos muita coisa que ficou... não fazer as queimadas, nisso aí incentivou muito a gente. Na verdade, as queimadas matam os microrganismos da nossa terra, e a não usar o agrotóxico também. O meu terreno lá no rio tem uma matinha lá, que eles andaram lá, já deixou tudo certinho para eu não mexer na matinha lá³⁰, pois, eu vou zelar muito. E acima disso, são os cursos, que eu tomei muitos cursos, eu sou hoje instrutora de biscoito, eu tomei 03 cursos, eu hoje tenho toda formação de trabalhar na agricultura sobre a arte culinária, eu trabalho muito na culinária. (Entrevistada 07).

ATER mesmo foi o primeiro, mas tivemos outros antes, outros projetos nós já recebemos... Muito de orientação também, com técnico. Desde da Escola que a gente tem o técnico como uma pessoa orientadora da classe trabalhadora, do... da gente, dos trabalhadores rurais. A gente já sabia como funcionava, para não queimar, para não desmatar, até hoje a gente ainda usa esses termos, eu nunca desmato e queimo nada, já preservando a natureza e o meio ambiente. (Entrevistado 04)

- Valorização significativa do público em relação ao trabalho de ATER como fonte de informação e formação.

- Reconhecimento do valor de mercado superior para produtos orgânicos e grande valorização destes no que se refere à saúde e bem-estar humana, familiar.

- Forte influência da ATER em novas formas de trabalho adotadas, ainda mais expressivas nas questões ambientais, relacionadas ao manejo dos recursos naturais. Inserir Bourdieu neste debate.

- O estímulo à diversidade produtiva nas UPF's refletiu fortemente na renda familiar: mesmo as famílias que não

³⁰ Referência à Reserva Legal, delimitada durante a realização do CEFIR pela agente de ATER.

<p>Eu sou do semiárido, mas tem gente que não vê muita chuva aí pensa “eu vou desleixar”, aí não vou plantar, e vou comer a verdura envenenada lá da roça dos outros. E os técnicos, eles incentivam você a estar plantando a sua rocinha, ter de tudo um pouquinho...</p> <p>“-- Está comendo lá da feira?”</p> <p>“-- Estou”</p> <p>“—Rapaz, plante o seu”</p> <p>É muito bom. Nós criamos galinha, ovelha, porque muitas das vezes eles pega uma ovelha, dá uma vacina e mata logo, e da roça da gente a gente sabe o que está comendo. Faz isso com o tomate, antes dos 12 dias, já tira e vende, que eu já vi. (Entrevistado 05).</p>	<p>comercializam a sua produção, economizam com isso, sendo de grande importância para o consumo familiar mensal de alimentos.</p>
<p>Avaliação</p> <p>Tenho claro para mim que o conhecimento técnico ajuda muito. Mudou... no sentido de organizar melhor, planejar, tentar conhecer mais a... o trabalho que você está desenvolvendo, para melhorar a produção. Sempre tem um avanço, né? (Entrevistado 05)</p> <p>Olha, eu, eu tive orientação que serviu muito porque, principalmente o plantio de Palma que a gente fez foi uma orientação técnica, né? E também a horta, que as vezes a gente planta ali uma hortazinha para alimento da gente, e eu não dou veneno. Eu produzo ela... as vezes, quando tem alguma pragazinha por ali que está prejudicando a planta eu dou aquelas... aqueles alternativos que os técnicos nos informam, com álcool, sabão, e aí eu produzo as minhas coisas sem veneno. (Entrevistado 01).</p>	<p>- Percebemos grandes reflexos do serviço de ATER no aspecto ambiental, o manejo sustentável/responsável da caatinga e dos bens naturais como um todo destaca-se.</p> <p>- A Soberania alimentar, a autonomia e a retomada e valorização de heranças culturais aparecem nas entrevistas como pontos altos da transição agroecológica na Agricultura Familiar.</p> <p>- Os resultados a ATER no cotidiano das famílias agricultoras apresentam-se especialmente a longo prazo: a percepção das famílias acompanhadas a mais tempo, por outros contratos executados anteriormente, é diferente da dos beneficiários mais recentes: as práticas agroecológicas se colocam de maneira mais forte no seu trabalho diário.</p>

FICHA DE ANÁLIE INTERPRETATIVA Nº 02

Unidade de Sentido: **Relação entre o serviço de ATER e o acesso a políticas Públicas.**

Políticas/projetos acessados

Já acessei o PRONAF, teve um período aí que a associação conseguiu com a CONAB para comprar milho e ração mais barato, agora tem o projeto lá de caprinos e ovinos, recebi a palma, resistente a cochonilha, que foi programa do governo, ela é resistente a cochonilha do Carmin. Sim, e tem a produção de mel, que melhorou também depois do projeto, que eu vendo lá, entrego lá na COOPES. Sempre tem alguma coisa nova, né... agora mesmo tem esses kits que vão vir desse outro projeto que é agroecologia também, de abelhas. Aí vai, se estende por muita coisa aí. (Entrevistado 02).

Falar a verdade ó, depois que elas vieram, começou me visitando, falar a verdade, as coisas até que melhoraram para mim, cresceu mais. Deixa as coisas bem claro para mim. Com essas técnicas aí até que as coisas começaram a vir para mim, veio palma, para eu plantar, as vezes elas vêm

- O acesso a políticas públicas e projetos de apoio à vida dos agricultores familiares é de fato facilitado pela ATER. Dentre os mais citados podemos destacar: Acesso ao PRONAF; recebimento de mudas de palma resistente a cochonilha; recebimento de sementes de sorgo e a participação em projetos do Bahia Produtiva, voltados ao fortalecimento da caprinovinocultura e apicultura.

- Tal acesso é relacionado à participação e organização social: além do vínculo com a

<p>avisar de uma reunião, esses negócios dessas cabras, que a gente vai ganhar, que é esforço delas, então, de qualquer maneira, eu dou ponto. (Entrevistada 06).</p> <p>Ave Maria, um bocado eu participo. APPJ, EFA, COOPES, <i>Slow Food</i>, tem o grupo de mulheres, tem as mulheres do samba de roda, o outro grupo, o sindicato... estamos em tudo aqui em casa. (Entrevistada 07)</p>	<p>Associação prestadora do serviço, a maior parte dos beneficiários reconhece a importância e está inserida em outros tipos de organizações sociais, políticas e de luta pelo bem coletivo, como Cooperativas e Sindicatos.</p>
<p>Água: impactos da estiagem como pauta preponderante.</p> <p>Eu vou falar de um modo geral, a pior coisa de ser agricultor hoje, no caso, é água. Eu tenho um barreiro, mas não dá. Só chuva. (Entrevistado 02).</p> <p>Cebola, bata, aipim, mandioca, batata, abóbora, acerola, maracujá, maracujá do mato, do campo, andú... Só que o tempo não está ajudando. Feijão... vários tipos, tudo que tem no semiárido, nós trazemos para a roça. Mas tem bem uns 6 anos que nós não colhemos quase nada, aqui na região. Eu tenho 6 anos de sofrimento. Crio só umas galinhas, por ali, e umas criações³¹. Mas diz que tem uma previsão de melhorar essa seca para ano que vem, aí que nós vamos precisar dos técnicos... sabe porquê? Porque vai ser a hora de produzir de verdade. (Entrevistada 07).</p> <p>Gosto do que faço. Gosto! Eu gosto de ver, de... de cultivar. Eu tenho, sei lá, aquela alegria quando chove, e outra, ali você sabe o que você está plantando, o que está colhendo e o que você está comendo, que é tudo sadio. Você cultivando não tem veneno. Então, é uma coisa que você vai comer saudável, então eu também gosto de cultivar essas coisas. A seca é que enfraquece, a seca. Porque quando chega o período de estiagem você sofre bastante por não poder cultivar, e pela necessidade, que você precisa dos alimentos e você não tem como. Para você passar a comprar tudo, a dificuldade é grande. (Entrevistada 03).</p> <p>A dificuldade é o mal tempo, é a seca, não deixa a gente produzir mais nada. Mesmo assim, quem nasceu naquele serviço, quando vê formar uma chuva já fica feliz e quer corre para a roça. (Entrevistado 05).</p> <p>Deu uma ajudada. Coisa assim, que a gente tem aqui e não precisa mais comprar, já é bom. Mas com esse mau tempo, se não fosse as aposentadorias, nós não estávamos morando por aqui mais não, já tinha ido atrás dos meus filhos, estão todos fora, bem. (Entrevistada 06).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Durante a realização das entrevistas, houve certa dificuldade em discutir a produção em si, o que é justificado pela forte estiagem, que leva os agricultores a concentrarem sua atenção na situação e demandas atuais. A água, ou melhor, a falta dela, é citada em todas as entrevistas e assume a centralidade neste momento. Unanimemente, a chuva é o bem mais desejado. - O impacto da estiagem prolongada na renda e subsistência das famílias é considerável. - As tecnologias de captação ou distribuição de água (apesar de já acessadas por alguns) se mostram insuficientes e configuram sua principal necessidade, algo emergencial.

FICHA DE ANÁLIE INTERPRETATIVA Nº 03

<p>Unidade de Sentido: Identidades e Convivência com o Semiárido</p>	
<p>Auto diferenciação</p> <p>A gente se sente diferente, do povo da comunidade. Faz as coisas com um sentido maior. Pensando no todo, assim, não só no umbigo. Isso é bom. (...) O melhor de morar e trabalhar aqui, que eu, no caso, acho, é que estou trabalhando para mim. No caso, a autonomia. Se eu não tiver disposição de</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Há auto diferenciação entre as práticas produtivas dos beneficiários da ATER e as realidades por estes percebidas na redondeza/comunidade. - O esforço de multiplicar os preceitos

³¹ Expressão popular local, refere-se a cabras e ovelhas.

<p>ir na propriedade hoje não vai ter patrão. (Entrevistado 02).</p> <p>O que eu vejo é que são bem poucos que trabalham na agroecologia. Vem nos métodos convencionais e tecnológicos, como é mesmo que fala? Do agronegócio. O que os caras ficam fazendo aí, umas porcarias aí, com inseticida, com fungicida, esse <i>barrage</i>³² mesmo, botam demais nas roças. (Entrevistado 01).</p> <p>Se sente assim, transformador. Se a gente não cuida das plantas, do mundo, não tem vida... tem um papel que os meninos, os técnicos, deixaram aqui uma vez que dizia uma coisa muito bonita, que eu me lembro, que agroecologia é vida. A gente tem que defender a vida. Para nós e para os outros que vem aí. (Entrevistada 07).</p> <p>A maioria leva com tudo, é bem pouca gente... mais a gente que participa dessas reuniões e desses ensinamentos dos técnicos, que tem mais um cuidado. Porque eu conheço gente desde roça comunitária que a gente bota que ainda continua queimando, desmatando, destruindo. Aí tem hora que a gente vai falar, dar um conselho, e leva é reclamação, acham ruim. Um povo que não pensa muito, assim... no futuro. (Entrevistado 04).</p>	<p>agroecológicos difundidos no projeto chegou a ser declarados, embora não tenha tido uma boa aceitação deste por parte de vizinhos/conhecidos.</p>
<p>Percepção da Produção Orgânica</p> <p>Tem grande diferença! O trabalho da gente para o dos outros. A diferença que tem é porque o produto que a gente produz, o orgânico, com esterco e sem agrotóxico, ele tem outro sabor, e também é bom para a saúde da gente. E esses que a gente compra a gente nem sabe que tipo de veneno os caras estão usando, porque a maioria das pessoas quer o lucro, não quer a saúde do ser humano que está ali comprando. (Entrevistada 03).</p> <p>A diferença é grande porque, ó, o produto natural, ele não vai desenvolver tanto quanto o outro, porque o outro vai ter adubo, aquele lá que é comprado, que não é esterco e desenvolve bastante, e o natural você vai cultivar ali para você comer e você não vai estar colocando essas coisas, vai ser um produto mais sadio, porém bem menor. Na realidade, tinha que ser mais caro o pequenininho que é mais saudável, e dá mais trabalho para obter. Mas, infelizmente, não acontece isso. (Entrevistada 06).</p>	<p>- A ATER tem modificado concretamente práticas produtivas das famílias beneficiadas. As falas evidenciaram o cuidado com o meio ambiente e o orgulho que se tem em produzir e consumir organicamente. As famílias colaboradoras demonstraram muito contentamento na sua forma de trabalho/produção.</p> <p>- Valores humanistas e a preocupação com a saúde familiar/soberania alimentar assumem destaque.</p>
<p>Educação contextualizada, o local e o global</p> <p>É, ajuda muito... ajuda um bocado. Porque assim, menina... muitos de nós não tiveram como estudar. As coisas que a gente aprendia, aprendia na lida, de todo dia. Esses projetos que vem para ensinar, as técnicas, é bom porque traz novidade, coisa dos estudos aí que o povo faz, que se fosse de outro jeito a gente nunca ia saber. E coisa que tem a ver com a realidade da gente, né? Fala aqui, de um probleminha que aparece, ajuda, a gente não esquece, a gente vive aquilo. (Entrevistado 01)</p> <p>Um dia desses eu estava num curso, aí o rapaz falou uma coisa interessante, o palestrante: que em meio as dificuldades que o pai tem de produzir, cita</p>	<p>- Educação pautada na realidade, ver FREIRE.</p> <p>- A relação entre o local e o global, a partir da democratização do acesso à informação, papel principalmente desempenhado hoje pela internet, surge como elemento pertinente nas práticas produtivas e, conseqüentemente, nas construções identitárias dos agricultores familiares, relacionar com HALL.</p>

³² Carrapaticida químico amplamente utilizado na região, aplicado por pulverização.

até a questão de água, da família, a distância da aguada para casa, que o que facilita é a tecnologia, para interessar o jovem a ficar na propriedade. Então, é aquela questão, querendo ou não já está naquela fase, como é que eles falam? Da geração conectada, aqui a gente está no meio do mato, mas hoje todo mundo está com um celularzinho na mão, vendo as coisas que acontecem aí a fora, para usar aqui. O técnico mesmo, de vez em quando, manda vídeo, uma notícia, tudo é bom. (Entrevistado 02)

ANEXOS

FOTOS DA ATER AGROECOLOGIA APPJ/MDA



Figura 1 - Dia de Campo na propriedade do beneficiário Carlos Rodrigues, Comunidade Jaboticaba. Tema Produção e Uso de Defensivos Naturais. 2015. Fonte: arquivo da APPJ.



Figura 2 - Atividade Coletiva realizada na sede do STTR de Quixabeira. Dinâmica de abertura. 2016. Fonte: arquivo da APPJ.



Figura 3 - Atividade Coletiva. Tema: Horticultura Orgânica. Fonte: arquivo da APPJ.



Figura 4 - Atividade Prática realizada durante visita técnica. Tema: ensilagem. 2015. Fonte: arquivo da APPJ.



Figura 5 – Construção de Canteiro Econômico durante atividade coletiva. 2017. Fonte: arquivo da APPJ.



Figura 6 – Registro Oficial de atividade Coletiva realizada na sede da APPJ. 2016. Fonte: arquivo da APPJ.